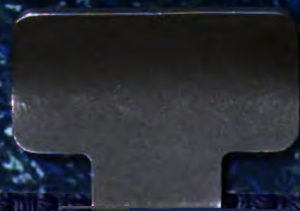


Pope  
—  
EPISTOLA  
DE HELOYZA  
A ABAYLARD



1209











1600/623.

EPISTOLA  
DE  
HELOYZA A ABAYLARD,

COMPOSTA  
NO IDIOMA INGLEZ

POR  
POPE,

E TRASLADADA  
EM VERSOS PORTUGUEZES

POR \* \* M<sup>OS</sup>.

---

LONDRES:

NA OFFICINA DE GUILHERME LANE,  
RUA DE LEADENHALL.

---

1801.





## A S S U M P T O.



ABAYLARD, e Heloyza viverão no duodecimo Seculo; merecendo neste a mais distincta Contemplaçãõ, assim pelos seus talentos, e Conhecimentos literarios, como pelas qualidades externas, de que a Natureza liberalmente os tinha dotado, nenhuma couza porem concorreo tanto para os fazer celebres, como a sua Paixaõ desgraçada : Depois de huma longa serie de infortunios, se retirou cada hum delles a Mosteiros, aonde consagraraõ o resto de seus dias a exercicios de Religiaõ, e Penitencia.

Succedeu, que alguns annos depois da sua separação, huma Carta, em que Abaylard narrava a hum de seus Amigos todas as suas desgraças, chegou por casualidade ás mãos de Heloyza, despertou esta narração toda a sua ternura ; e deu occasião a esta famosa Carta, que pinta tão vivamente os Combates da Natureza, e da Graça.



# EPISTOLA

DE

HELOYZA A ABAYLARD.

---

NESTE retiro quieto,  
Onde em morna solidaõ  
Levanta os olhos aos Ceos  
Cançada contemplaçãõ;  
No Lugar onde o Silencio  
Repouza profundamente  
Que movimentos perturbaõ  
Minh' alma com dõr vehemente !  
Porque razaõ se extraviaõ  
Fõra do sancto retiro  
Meus sentimentos profanos  
Porque motivo eu suspiro !

B



E porque meu coração,  
 De Amor o fogo esquecido,  
 Inda será devorado  
 Ja a cinzas reduzido ?  
 Que ! Amarei ind' agora !  
 Eis a Carta qu'elle envia,  
 He o nome de Abaylard,  
 Que inda bejo entre agonia ;  
 Nome fatal e querido !  
 Nunca mais proferirei  
 C'os meus labios, a que os votos  
 Impoem do Silencio a lei :  
 He para sempre encerrada  
 Terna idea de Abaylar  
 No coração, que não posso  
 C'o a do meu Deos separar.  
 Que minha Mão se suspenda,  
 Tal nome não vâ traçar . . . .  
 Mas, oh Ceos, que tenho escripto !  
 Va-o meu pranto apagar.



Debalde Heloiza afflicta  
Recorres ao pranto, á prece,  
Determina o coração,  
E sempre a mão lhe obedece !  
Muros, que encerrais sombrios  
Mais de mil votos ardentes ;  
E que os ecchos repetis  
De Suspiros penitentes ;  
Rochedos, grutas de espinhos,  
Por toda aparte errissados,  
Penhas que o uzo amacia  
Dos joelhos lacerados :  
Altàres, aonde Virgens,  
Com hum fervor incessante,  
Vellaõ de noite, e de dia  
Com palidez no semblante :  
Imagens d'aquelles Sanctos,  
Que aos Ceos por vencer se aprazem  
Tua vista, e meu silencio  
Insensível me não fazem :

Sempre o Ceo em vaõ me chama,  
Quando em fervente Oraçaõ,  
Subjeita me a Natureza  
Metade do Coraçãõ ;  
E as preces, jejuns, e o pranto  
Naõ pôde extinguir thê gora,  
Nem ao menos moderar  
O fogo que me devora.  
Apenas tremula abri  
Tua Carta, ah meu Querido !  
Logo teu nome s'of'rece  
A meus olhos, meu sentido ;  
Eis que subito rebenta  
O sentimento magoado  
De minhas desgraças todas,  
Nome fatal, e adorado !  
Que jamais eu pronuncio,  
Sem que meu pranto amargoço,  
Envolto em crueis suspiros,  
Me lembre o trance horroroso



Tremo sempre, se o meu nome  
Co' a vista infeliz acerto,  
Pois sei que algum infortunio  
O seguirá de bem perto,  
Meus olhos nadando em pranto,  
Correndo de linha em linha,  
Achaõ somente desgraças  
Da minha sorte mesquinha  
Mil vezes de ardente amor  
M'inflama a voracidade,  
Outras da dor opprimida  
Geme a tenra mocidade :  
Em fim no retiro escuro  
D'hum Mosteiro clauzurada  
Manda a Religiaõ se extinga  
A paixãõ mais inflamada ;  
Aonde deve acabar  
Com impossivel victoria  
As duas paixoens mais nobres  
O terno Amor, e a Gloria.

Mas assim mesmo, Abaylard,  
Escreve me, sim, consente  
Que eu saiba os ternos transportes,  
Que inda tua alma hoje sente :  
Nossas dores se confundaõ,  
Se temos o mesmo Fado,  
Naõ escape hum só suspiro,  
Que naõ seja compensado ;  
Se he est 'unico remedio,  
Illezo do Fado inhumano,  
Serás dos meus inimigos  
Abaylard o mais tirano !  
Minhas lagrimas—saõ minhas,  
Naõ as poupo á Amor saõ dadas,  
Ainda as que ser deviaõ  
Na oraçaõ derramadas :  
Meus tristes olhos naõ tem,  
Nem podem ter outra acçaõ,  
Será o ler, e o chorar  
Sua eterna occupaçaõ.

Huma parte em tuas penas  
Tenha por triste prazer,  
Ou inda mais venhaõ todas  
O meu Coração encher ;  
O Ceo inspirou primeiro  
Das letras alta invenção,  
Para dar aos desgraçados  
Suave consolação :  
Para huma captiva amante  
Foi hum celeste favor ;  
Ellas exprimem, e fallaõ  
Toda a ternura de Amor ;  
Hum juvenil Coração,  
De seu soccorro ajudado,  
Puros dezejos sem susto  
Explica ao seu Bem amado ;  
A alma se manifesta  
Co' a singeleza devida,  
Aos olhos do charo objecto  
He longa auzencia illudida ;



Juntando longiquuos Lares,  
Corre hum suspiro inflamado  
Por seu magico poder  
Do Indo ao Polo apartado.  
Bem sabes com que innocencia  
Teu amor antecipava ;  
Que da amizade a apparencia  
O nosso ardor disfarçava ;  
Que achei sempre em teu aspecto  
Huma angelica figura ;  
Que emanava dos teus olhos  
Huma chama etherea, e pura ;  
Tua Amante, sem receio  
Absorta a teu lado estava,  
Por isto, sim, sem remorso  
Minha paixã fomentava :  
Se erguias celeste canto  
Ao Supremo Author do dia,  
Me figura que o Ceo  
Attentamente te ouvia ;

Athé as verdades sanctas,  
 Reveladas com certeza,  
 Parecia que de teus labios  
 Cahiaõ com mais belleza.  
 Que perceitos dictarias,  
 Que hoje mesmo eu não estime,  
 Facilmente me ensinaste  
 Que o Amor não era hum crime;  
 A seducção dos sentidos  
 Depressa me abandonei,  
 Não vi outra Devindade  
 Senão a que em ti achei;  
 A posse da Gloria eterna  
 Com tanto prazer não via,  
 Deixei de invejar hum Ceo  
 Que por te amar perderia.  
 Ah! Quantas vezes eu dice,  
 Se á eleição de hum espozó  
 Paterna lei me obrigasse  
 Com laço eterno, e odiozo.

Julgara toda a uniaõ  
Pelo tormento maior,  
Se não fosse vinculada  
Com os encantos de Amor ;  
He amor qual avezinha,  
Se vê prizoens conjugaes  
Estende ligeiras pennas,  
Eis voa, não torna mais :  
Embora d'honras, riquezas  
Seja hymeneo coroado,  
E o nome de quem o abraça  
Seja sancto, e respeitado ;  
Mas brilhantes apparencias  
De vulgar satisfação  
Tornaõ se em nada ao aspecto  
Da verdadeira paixão ;  
Honras, credito, riquezas  
Que sois á vista de Amor ?  
Inspira este Deos ciozo  
Com vingativo furor

Inquietas paixoens terriveis  
Ao que profano dezeja  
Nelle buscar outro bem  
Que so o de Amor não seja  
Se visse a meus pés prostrado  
Do Mundo o amplo Senhor  
Inda pelo Throno do Mundo  
Desprezára o seu amor ;  
Thé recuzando do Cezar  
O consorcio o mais brilhante  
Preferira de quem amo  
Ser huma fragil amante.  
Se outro titulo encontrasse  
Mais terno, e livre feria  
Este o nome preciozo  
Que para elle tomaria.  
Que dita se duas almas  
Com indissoluvel firmeza  
No seu livre amor conhecem  
Só as leis da Natureza !



Hum so objecto occupa  
O Coração que amor sente,  
He possuido, e possue  
Em mutua paixão ardente ;  
Em dous Amantes se encontraõ  
Pensamentos sempre iguaes ;  
E sem que os labios se expliquem  
Os olhos expressaõ mais.  
Se he esta a maior ventura,  
Que hum amante pode achar  
Esta mesma n'outro tempo  
Foi aminha, e de Abaylar . . . .  
Mas que subita mudança  
Me apprezenta o impio Fado !  
Ccos que vejo ! O meu amante  
Prezo, nû, ensanguentado !  
Aonde estava Heloiza  
Neste momento horroroso ! . . .  
Gritos, forças se armariaõ  
Contra o lance sanguinozo.

Oh barbaros, suspendei  
A feroz mão homecida,  
Ou arrojai toda a raiva  
Contra a minha infausta vida !  
Ao menos se ambos culpados  
A mesma sorte condemna  
Recaha em dous o castigo  
Soframos a mesma pena . . .  
A dôr me opprime, e perturba . . .  
Por pejo, e piedade cesse . . .  
Meus soluços, e vergonha  
Na garganta a voz impece.  
Poderás ser esquecido,  
Dia solemne, e fatal  
Onde quais victimas fomos,  
E esp'rando o golpe mortal  
Junto aos tremendos Altares,  
Entre combates violentos,  
Correo meu inutil pranto  
Em tão funestos momentos.

E

Dei ao Mundo hum ádeos eterno  
A'flor dos annos mingoados,  
E bejo o sagrado véo  
Com os meus beijos gelados.  
Tremem os Altares sanctos  
Quando minha voz conhecem,  
E até os sagrados Lames  
Arquejando se amortecem :  
O Ceo acredita apenas  
A Conquista que fazia ;  
Ouvem com espanto os Anjos  
Os votos que eu proferia ;  
Mas com tudo ao Sanctuario  
Com palidez penetrava,  
E os olhos que à Cruz proponho  
Em ti somente os fitava.  
Graça eficaz, puro zelo  
Da santa Religião  
Não compunhão o carácter  
Desta infeliz vocação ;

Era hum amor desgraçado  
Essencia d'hum Ser constante,  
Tudo entregava e perdia  
Por ter perdido hum Amante.  
Com teus olhos, teus discursos  
Vem suspender meu tormento,  
Este poder te deixaraõ ;  
Possa em teu seio hum momento  
Repouzar minha cabeça :  
Seja em teus labios bebido  
De amor o doce veneno  
De teus olhos recebido ;  
Ja naõ pertendo do Fado  
Que outro algum bem me destine,  
Da-me, sim, o que dar podes,  
Deixa que o resto imagine . . . .  
Porem nao ! Fujaõ de todo  
Pensamentos criminozos,  
Có meu dever vem mostrar-me  
Eternos bens mais ditozos,

Tira a meus olhos a venda,  
Pinta-me a Celeste Gloria,  
Faze minh' alma te fuja  
Dando ao seu Deos a Victoria,  
E se a meus votos te negas  
Minhas fieis companheiras  
Os teus cuidados merecem  
São do teu gremio as primeiras,  
São plantas que cultivaste,  
Filhas da tua piedade,  
Que o Mundo vão despezárao  
Na mais tenra Mocidade,  
Ao innocente Retiro  
Pela Virtude guiadas  
Dentro das Paredes sanctas  
Por ti mesmo levantadas.  
O teu zelo fervoroso  
Tem ornado este Dezerto,  
E n' hum Ermo dezabrido  
Vio-se O Parayzo aberto ;

Aqui nem orfão afficto  
Chora a paterna riqueza  
Para os Altares roubada,  
Que fas profana grandeza ;  
Nem bellos quadros se admiraõ,  
Nem as dadivas brilhantes,  
Offertas de pecadores,  
Sem virtude agonizantes,  
Tributo de hum vaõ dezejo  
De comprar o Ceo, negado  
Por cauza do meio torpe  
Para alcançar empregado ;  
Mas singela Architectura,  
Como a Piedade que a habita,  
Melhor os Hymnos repete  
A' Magestade Infinita.  
Se ao menos te transportasses  
Ao lugubre Retiro,  
Que da pezada existencia  
Verá meu final suspiro



Debaixo destes Zimborios,  
De piramides c'roados,  
Que os tectos de eterna noite  
Seriaõ sempre afumados,  
Mas pelas sombrias fréstas,  
Somente huma luz escassa,  
Com as trevas de mistura,  
O Sol medrozo traspassa:  
Teus olhos dessipariaõ  
A escuridaõ tenebroza;  
E em torno de ti brilhára  
Huma gloria radioza;  
Mas aqui nenhum objecto  
Consolador se apprezenta,  
Tudo, tudo ergue gemidos;  
E do pranto se alimenta.  
Vem pois meu Pay, meu Irmaõ,  
Meu Espozo, meu Amante,  
Tua Escrava, tua Irman,  
Tua Filha nesse instante,

Possa em favor de taes nomes,  
Nomes que dicta o Amor,  
Tua excessiva piedade  
Excitar em seu favor ;  
Couza alguma melhor pôde  
Dar me erforso a meditar  
Ou meus voluveis dezejós  
De huma vez determinar ;  
Thè vejo com indif'rença  
Simples divina belleza  
Do espetac'lo qu' off'rece  
O quadro da Natureza ;  
Estes pinheiros plantados  
Entre erguidas Penedias,  
Donde hum vento surdo agita  
As suas comas sombrias ;  
'Os regatos serpiando  
Por entre penhas fragozas  
Co' murmurio, que retumba  
Em as grutas cavernozas ;

Estes lagos de cristal,  
Onde Favonio contente  
Com seu agradavel sopro  
Encrespa a face dormente :  
Objectos são, que algum dia  
Eraõ por mim taõ prezados,  
Naõ me daõ alivio agora  
Naõ suspendem meus cuidados :  
Pelos solitarios bosques  
A negra Tristeza erra,  
Esta abobeda sombria  
Sepulcros somente encerra ;  
Espalha em torno hum silencio  
Qual da mort' atro, e medonho,  
Com seu ar afea hum quadro  
N'outro tempo taõ rizonho :  
Murcha o esmalte das flores ;  
Fas denegrir a espessura,  
Thè do Mar horrido o som  
Que em sequebrando murmura ;

Porem devo aqui viver,  
Em quanto durar o alento,  
Da submissão a hum Amante,  
Triste fatal monumento.  
A morte so quebrar pode  
Estas cadeas illezas,  
Nas suas mãos deixarei  
Todas as minhas fraquezas ;  
Então meu ardor extincto  
Minhas cinzas recolhidas  
Aqui esp'rarei que sejaõ  
Com as tuas confundidas.  
Ah infeliz ! Pois te julgaõ  
De hum Deos Espoza leal . . . .  
Quando somente es escrava  
Do Amor, e de hum Mortal !  
Vinde, Oh Ceos, em meu socorro . . .  
Mas vem esta imprecação  
D' hum effeito de piedade ?  
Ou d'atroz exesp'ração ?

Que ! No azilo o mais puro  
De Castidade glorioza,  
Nutro de hum profano amor  
Huma chama criminoza ?  
Eu me devo arrepender . . . .  
Mas fazer posso o que devo ?  
Choro o Amante, e minha culpa  
A choralla não me atrevo ?  
Eu reconheço este crime,  
Subjeito a perpetua pena ;  
Mas o coração me arrasta  
Quando o remorso o condemna ;  
Dos prazeres me arrependo,  
Em que engolfada medito ;  
E por fragil contextura  
Outros iguaes solccito.  
Mil vezes levanto os olhos  
Aos Ceos, minha ofença choro,  
Outras mil o pensamento  
Em contemplar te demoro,

Electrizada de Amor  
Desprezo emfim a innocencia,  
Que recobrar pertendia  
Com austera penitencia :  
De ti esquecer me posso !  
Odiar minha fraqueza !  
Quando a cauza do delicto  
He a propria Natureza !  
Se destruilla pertendo  
Sinto emfim, que o seu Author  
He o pranteado objecto  
Do meu excessivo amor !  
Como separar do crime  
A minha paixão intento,  
Se existe em confuza maça  
Amor arrependimento !  
Como pode hum coração,  
Qual o meu taõ consternado,  
Pertender hum vencimento  
A esforço humano vedado !



Antes que minh' alma possa  
Seus males adormecer,  
Que combates se preparaõ  
Entre o amor, e o dever !  
Arrepender-se mil vezes,  
Recalhir, chorar o amante,  
Repulsallo ; em tudo incerta . . .  
Sem o esquecer hum instante . . .  
Mas não ! Ja ethereo influxo  
De todo o temor separa  
Para consumir meus votos  
Sacro auxilio se prepara.  
Vem meu Pay, faze qu' eu possa  
A Natureza enfrear,  
Qu' amor renuncie, á vida,  
A mim . . . Ao proprio Abaylar ;  
Enche do divino Amor  
Meu coração, sim acode ;  
E quando delle evadires  
Somente hum Deos entrar pode.

Ah ! Mil vezes de huma Virgem  
O destino afortunado,  
Que ao seu Creador somente  
Tem seus dias consagrado ;  
Esquece o Mundo enganozo,  
Que assim esquecido a tem,  
Com as doçuras do socego  
Goza o mais solido bem :  
Humilde resignação  
Faz sua prece attendida ;  
Entre o trabalho, e o repouzo  
Se reparte a sua vida :  
Hum sono doce a dispoem  
Para a Vigília, e Oração ;  
Tem com serenos dezejos  
Sempre a mesma inclinação ;  
He o pranto o seu thezouro,  
Aos Ceos penetraõ seus hymnos,  
Cercaõ a de graça pura  
Fulgentes raios divinos ;

Vellaõ-a em torno os Anjos,  
Bafejando hum sono grato,  
Tecem de apraziveis sonhos  
Da eterna Gloria o retrato :  
Para ella o Divino Espozo  
O annel nupcial prepara ;  
Escuta o Cõro das Virgens,  
Que em seu louvor se entoara :  
Fragantes rozas do Edén,  
Que não podem ser murchadas,  
Com mais viva cõr rebentaõ  
As que lhe são destinadas ;  
As azas dos Serafins,  
Que os bandos rentos abalaõ,  
Mil perfumes esquezitos  
Benignamente lhe exhalaõ ;  
E su' alma emfim voando  
Entre a celeste armonia  
Sente o seu fim antevendo  
A sempre eterna alegria.

Dif'rente tropel de sonhos  
Minh' alma errante extravia ;  
E quando em nocturnas sombras  
Me retrata a fantezia  
Bem como te hei conhecido ;  
Então minha consciencia  
Se immudece, e á Natureza  
Deixa liberta influencia ;  
Meu coração todo inteiro,  
Não tendo mais que temer,  
Voa para ti a buscar  
O seu unico prazer  
Eu sim te escuto, e te vejo,  
Com minhas mãos deligente  
Vou a segurar-te ancioza  
Cerro o fantasma apparente ;  
Desperto-me, e nada escuto,  
Não vejo mais que o engano ;  
Dezaparece o fantasma,  
Como tu foge tirano ;

Eu o revoco, e he surdo  
A' minha supplica activa,  
Estendo os braços, so acho  
Huma sombra fugitiva;  
Outra vez os olhos fecho  
Para o sonho recobrar . . .  
Vinde outra vez illuzoens,  
Vinde outra vez me encantar.  
Ah que em vão vos torno a ver  
Pois comtigo irei vagar  
Pelos aridos dezertos  
Nossas desgraças chorar :  
Logo a huma torre te elevas  
Do tempo meia escarpada  
Pelos carcomidos muros  
De tristes heras cercada ;  
Ou sobre montoens de rochas,  
Cujo cimo as nuvens fende ;  
Que em arrogante estrutura  
Sobranceiro ao Mar se estende ;

D'ali, qual dos Ceos me fallas ;  
Mas negras vagas me aterraõ,  
Separaõ-nos densas nuvens,  
Os ventos furiozos berraõ ;  
Glo de horror, eis o sono  
Foge de arranco, e me deixa  
Outra vez entre os tormentos  
Da minha amargoza queixa.  
O destino a teu respeito  
Tem seu rigor moderado,  
Pois dos prazeres, e penas  
Fria suspensaõ te ha dado ;  
He tua vida o socego,  
Teu Coração sem paixoens,  
Semilhante ao Mar, em quanto  
Não conheceo Aquiloens :  
He igual o teu estado  
Ao de hum sancto adormecido,  
Que he de todos os peccados  
Plenamente absolvido ;



E que em seu Deos confiando  
Huma certa salvação  
Para alcançar não precisa  
D' outra alguma espição.  
Vem pois, querido Abaylard,  
Que receio te domina ?  
Amor o abrazado faxo  
Para os Mortos não destina ;  
Imperio em ti ja não tem  
O fogo que amor ordena,  
A Natureza immudece,  
A Religião o condenã ;  
Mas quando fria indif'rença  
Governa em teu Coração,  
Por ti ainda Heloiza  
Sente a mais viva paixão !  
Oh chama em meu peito eterna  
Activa chama exesp'rada !  
A' alampeda sepulcral  
Tristemente assemelhada ;

Que dà innutil calor  
À s urnas de pedra fria,  
Que para os Mortos se accende,  
A quem somente alumia :  
Que outras scenas se preparaõ  
Por onde os meus passos seguem !  
Qu' imagens ternas, p'rigozas  
Com profia me perseguem !  
Ou quando sobre os sepulcros,  
Ou prostrada ante os Altares,  
Illudindo os meus sentidos  
Cauzaõ me acerbos pezares :  
Sempre entre o Ceo, e Heloiza,  
A imagem tua apparece ;  
Apenas escuta hum Hymno  
A tua voz reconhece ;  
E quando em truncadas preces  
Aos Ceos minha voz levanto,  
A cada som que articulo,  
Me corre alternado pranto.

Ou se entre nuvens de incenso,  
Que á Imagem d'hum Deos se envia,  
E o som devoto do Orgão  
Me enche toda de harmonia ;  
Se occorre hum so pensamento,  
Que a imagem tua m'offerce  
Vejo Abaylar ; e a meus olhos  
Tudo o mais dezaparece ;  
Lumes, Templo, Sacerdotes  
A' minha vista não tornaõ ;  
E quando aos Sanctos Altares  
Mais de mil faxos adornaõ ;  
E aos Anjos que emtorno os cercaõ  
Penetra o maior respeito  
Hum mar de paixoes ardentes  
Me innunda o cansado peito,  
Mas se no tempo em qu' ofreço  
Hum Coração mais constricto  
Ante o Throno do meu Deos ;  
E arrepender me medito ;

Que invoco este Deos Piedozo  
Com meu pranto penitente ;  
Que vai penetrar minh' Alma  
Huma Graça transcendente ;  
Se te atreves, qual me encantas,  
Abaylard es poderozo,  
Vem revogar os decretos  
Do mesmo Ceo rigoroso ;  
Disputa-lhe hum Coração  
Com teus olhos, inda mais,  
Aos meus escurece a imagem  
Das Ditas Celestiaes ;  
Desvia a Graça Divina  
Com hum Mando absoluto  
E o meu arrependimento  
Se te apraz torna-o sem fructo,  
Dos Ceos me fecha o caminho,  
Acharás minh' alma franca,  
Dos braços do mesmo Deos  
A tua Victima arranca . . . .

Mas que digo, desgraçada !  
Foge-me ! . . . O Ceo me depare  
Entre nós altas montanhas,  
Immenso Mar nos separe ;  
Não tornes mais, não me escrevas,  
De mim algum pensamento  
Não tenhas, nem leve parte  
Do que he por ti meu tormento :  
Teus juramentos dissolvo,  
De ti nem lembrar-me quero  
Tudo o que a mim se refere  
So que aborreção espero . . . .  
Olhos cheios de ternura  
Qu' inda tanto me lembrais,  
Doces ideas queridas  
Adeos para nunca mais . . . .  
Etu, Oh Graça Divina,  
Virtude Celestial,  
Esquecimento tranquillo  
Do Mundo torpe, e fatal ;

Continua esp'ranca qu'es filha  
Do Ceo, e tudo alegrais ;  
Fé que d' immortalidade  
Nosso gozo anticipais ;  
Quaes Hospedes, doces, ternos  
Em meu Coração entrai ;  
E a hum eterno repouzo  
Minh' alma afflicta entregai.  
Sobre o tumulo estendida  
Trifte Heloiza pondera  
Como hum bem que ja no Mundo  
Somente dezeja, e espera . . . .  
Que escuto ! Que som he este !  
Será dos Ventos rugido ?  
Ou será voz que me chama,  
Que julgo ja ter ouvido ?  
N'huma noute, em que eu vellava  
As alampedas sombrias,  
Que estendem seus frouxos raios.  
Em torno das Campas frias ;

Os lumes quase expirantes,  
Me figura a fantezia  
Profunda voz subterranea,  
Que d'hum sepulcro surgia,  
Exclamando—" Triste Irman,  
" Eis aqui o teu lugar,  
" Este o azilo que debes  
" Eternamente ocupar ;  
" Como tu fui algum dia  
" Huma victima de Amor,  
" Tremi, orei, devorando  
" A mais tormentoza dôr ;  
" So neste perpetuo sonno  
" Pude o repouzo encontrar ;  
" So aqui os desgraçados  
" Se deixaõ de lastimar  
" Cessaõ dos tristes Amantes  
" Os dolorozos clamores,  
" Eperde a superstição  
" Os seus lugubres temores ;

" Porque hum Deos mais indulgente,  
 " Que o Mortal se persuade,  
 " Benignamente perdoa  
 " A humana fragilidade."

Eu corro, eu corro, que os Anjos  
 Os seus bersos rescendentes  
 De fino aroma preparem,  
 E as palmas sempre virentes ;  
 Eu corro onde os Pecadores  
 Podem repouzo encontrar ;  
 E os Justos de chamas puras  
 Seus Corações inflamar ;  
 Charo Abaylard, me difere  
 Pias honras luctuozas ;  
 Vem adoçar-me a passagem  
 Às Moradas Gloriosas ;  
 Vê os meus labios convulsos,  
 Meus olhos immoveis cerra,  
 Recolhe o final suspiro ;  
 Que minh' alma dezencerra . . .

L



Porem não . . . Antes pertendo  
De tua mão vacillante  
Co' as sacras Vestes cingido  
Huma vella agonizante :  
Of'rece a cruz a meus olhos ;  
Que pertendo aos Ceos volver,  
Ensiname, e ao mesmo tempo  
De mim aprende a morrer ;  
Olha então esta Heloyza,  
Que tanto chegaste a amar,  
Quando não he ja hum crime  
O seu rosto contemplar ;  
Em lividez convertidas  
As rozas do meu semblante,  
Ja eclipsado nos olhos  
Da vida o verniz brilhante ;  
Toma minha mão, e aperta  
Thé que cesse o respirar,  
Que extincta minha existencia,  
Eu deixe emfim de te amar . .

Quanto es eloquent', oh Morte,  
So tu dás lição precisa,  
Que he louca a paixão profana,  
Que hum mero pó diviniza.  
Virá tempo, em que este objecto,  
Que me vence, e me domina  
Na materia organizada  
Sofrerá total ruina !  
Praza aos Ceos, que estas angustias  
Do trance da vida á morte  
Por hum Extasi Divino  
Teu sofrimento conforte :  
Anjos em nuvens brilhantes  
Baixem do Ceo desvellados,  
E sejam dos Ceos abertos  
Raios de gloria emanados ;  
E os Celestes Moradores,  
Saudando tu' alma pura,  
Te abracem c' hum mesmo affecto  
Igual á minha ternura.

Hum mesmõ marmore possa  
Os nossos nomes conter ;  
E immortal minha paixão,  
Qual tua fama fazer ;  
Então se em fuctura idade  
Dous Amantes viajando ;  
E do Paraclito as fontes  
Com devoção procurando ;  
Unindo suas cabeças  
Para ler nossa Inscripção  
Bebendo seu mutuo pranto  
Co' a mais viva compaixão.  
“ Praza aos Ceos, que em nosso Amor,  
“ Ambos dirão transportados,  
“ A sorte não imitemos  
“ De Amantes tão desgraçados.”  
Que enternecidos seriaõ !  
E o que ás Aras s'of'recendo,  
Inda na pompa solemne  
Do sacrificio tremendo ;

Que comoção sentira,  
Se os olhos seus dirigir  
Sobre o piedoso Sepulcro  
Que nossas cinzas cobrir !  
Por hum instante deixando  
O Ceo, do pranto assaltado,  
Seo movimento de dôr  
Logo será perdoado.  
Se o Destino a algum Poeta  
Da mesma sorte aflagisse  
Que hum pezar igual ao meu  
Na su' alma pressentisse ;  
Que a chorar annos inteiros  
Elle fosse condemnado  
Os encantos que perdera  
Auzente o seu Bem amado.  
A considerar de continuo  
Na imagem que o faz arder,  
Aflicto sem esperança  
De mais a tornar a ver.

M

Se ao meu excessivo Amor  
O seu Amor igualar  
Escreva a funesta Historia  
De Heloyza, e de Abaylar.  
Aquelle que mais piedozo  
Nossos infortunios sente  
Este o Genio, aquem he dado,  
Cantallos mais dignamente.

F I M.



—O—  
GUILHERME LANE, RUA DE LEADENHALL.













